

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 23 DE OUTUBRO DE 2014

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30473 de 23 de Outubro de 2014, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

A large, close-up portrait of a middle-aged man with dark hair, looking slightly to the right. He is wearing a dark jacket over a light-colored button-down shirt. The background is a plain, light-colored wall.

ALFREDO TEIXEIRA

P.4-5 **VIVEMOS UMA CERTA EROSÃO
DAS IDENTIDADES TRADICIONAIS**

© DACS

SEM VENCEDORES NEM VENCIDOS



PAULO TERROSO

PADRE | @PAULO_TERROSO

Desengane-se quem pensa que a primeira fase do sínodo da família finalizou no Domingo passado com a beatificação do Papa Paulo VI. Fora da aula sinodal, em ambiente mais distendido, mas sempre focalizado sobre as questões pastorais difíceis, o debate continua.

Nesta Segunda-feira passada, os cardeais Reinhard Marx, Luís Antonio Tagle, Velasio de Paolis e Mauro Piacenza, marcaram presença na imprensa italiana e as suas posições fazem prever um ano intenso para a Igreja. No centro do debate o parágrafo 52 da *Relatio Synodi* — relatório conclusivo da primeira etapa do sínodo constituído por 62 parágrafos — que abre a possibilidade dos divorciados recasados poderem comungar. Não uma abertura generalizada a todos os casos mas a “algumas situações particulares e condições bem precisas, sobretudo quando se trata de casos irreversíveis”.

Isto depois de “um caminho penitencial sob responsabilidade do bispo diocesano”. O parágrafo não obteve a maioria qualificada de dois terços dos votos, mas foi aprovado pela maioria e faz parte do documento final. Alguma imprensa apresentou a falta de consenso neste parágrafo, bem como nos 53 e 55 — que abordam as questões das uniões de facto e homossexuais, respectivamente — como uma derrota do Papa e da ala mais progressista. Tal interpretação não se deve

“A piada fácil e a ironia corrosiva, que pouco ou nada acrescentam à reflexão, só criam mais divisões, geram ressentimentos e infligem mais sofrimento”

apenas ao facto de os jornalistas tenderem a simplificar a informação, recorrerem à controvérsia e ao confronto de modo a atraírem leitores. Nem se explica somente pela falta de jornalistas especialistas na cobertura informativa da Igreja Católica, capazes de enquadrar e transmitir de modo adequado o “acontecimento religioso”. Será certamente a conjugação de vários factores. Mas também não podemos esquecer que os jornalistas espelham nos seus artigos a realidade. Por isso, convém lembrar que alguns artigos de opinião

e declarações públicas, feitos por pessoas com responsabilidades eclesiais, entraram precisamente na lógica de vencedores e vencidos. Quando lemos expressões do estilo “prognósticos, só no fim do jogo!” ou, como ouvi recentemente, “a partida são 90 minutos, no fim veremos quem ganha” o que é que pensamos? Em vencedores e vencidos, claro está!

O pior que nos pode acontecer, findo este longo processo de discernimento sinodal, é uma Igreja dividida entre vencedores e vencidos.

Nesse sentido, tendo em conta a sensibilidade e a complexidade dos temas que se abordam, seria importante que a reflexão e a opinião acrescentassem, sobretudo, valor ao debate, procurando sempre o bem das pessoas em causa. A piada fácil e a ironia corrosiva, que pouco ou nada acrescentam à reflexão, só criam mais divisões, geram ressentimentos e infligem mais sofrimento.

Temos mais um ano pela frente. “Um ano para maturar, com verdadeiro discernimento espiritual, as ideias propostas e encontrar soluções concretas para tantas dificuldades e inumeráveis desafios que as famílias têm de enfrentar; para dar resposta a tantos desencorajamentos que envolvem e sufocam as famílias”, como afirmou o Papa Francisco, no discurso conclusivo dos trabalhos.



PAPA FRANCISCO

@pontifex_pt

9 Outubro 2014

Queridos jovens, Cristo conta convosco para serdes amigos dele e testemunhas do seu amor infinito.

11 Outubro 2014

O poder espiritual dos Sacramentos é imenso. Com a graça, podemos superar todos os obstáculos.

14 Outubro 2014

Senhor, concedei a vossa consolação a todos aqueles que sofrem, especialmente dos doentes, necessitados e desempregados.

16 Outubro 2014

O cristão é necessariamente misericordioso; nisto está o centro do Evangelho.

18 Outubro 2014

Para mudar o mundo, é preciso fazer o bem a quem não tem possibilidades de retribuir.

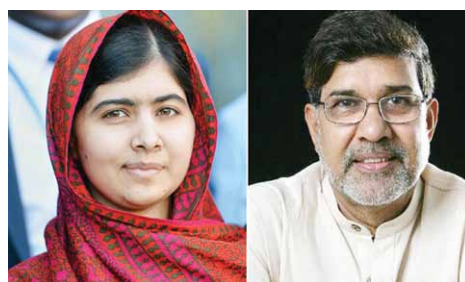
21 Outubro 2014

A fé, para ser sã e forte, deve alimentar-se constantemente da Palavra de Deus.



JESUÍTA PORTUGUÊS INSPIRA NOVO FILME DE SCORSESE

A ideia já estava pensada, mas em Setembro último começou, finalmente, a ser concretizada. Martin Scorsese já começou as filmagens de uma obra cinematográfica inspirada em Cristóvão Ferreira, um Jesuíta Português que renunciou à sua fé após ter sido torturado no Japão, no século XVII. Célebre pela sua história, Cristóvão Ferreira chegou a escrever um livro onde afirmou que Deus não existia e participou ainda em julgamentos de outros jesuítas capturados. A sua história será agora contada através dos grandes ecrãs.



NOBEL DA PAZ PARA MALALA YOUSAFZAI E KAILASH SATYARTHI

O Prémio Nobel da Paz foi atribuído no dia 10 de Outubro à paquistanesa Malala Yousufzai e ao indiano Kailash Satyarthi. De acordo com o comité responsável pela atribuição do Prémio, Malala e Satyarthi foram distinguidos “pela sua luta contra a repressão de crianças e jovens e pelo direito de todas as crianças à educação”. Malala tornou-se conhecida pela sua defesa do direito universal à educação em todo o mundo. Satyarthi abandonou uma carreira de engenheiro electrónico para se dedicar à luta contra o trabalho infantil nos anos 80.



DOM BERNARDITO AUZA PARTICIPA NA ASSEMBLEIA DA ONU

Dom Bernardito Auza, observador permanente da Santa Sé nas Nações Unidas, pronunciou-se várias vezes durante a 69ª Assembleia Geral da ONU. A cooperação internacional, a situação dos indígenas e a condição das crianças foram alguns dos temas abordados. O arcebispo sublinhou que a Santa Sé aponta duas urgências: a erradicação da pobreza e a sustentabilidade ambiental. A eliminação da violência contra as crianças e a igualdade entre seres humanos independentemente da raça, credo ou sexo, foram outros apelos lançados por Dom Auza.



SÍNODO TERMINA SEM ACORDO E COM BEATIFICAÇÃO

O Sínodo da família terminou no dia 19 de Outubro, após a aprovação de um relatório final com 63 pontos. Os temas que geraram mais controvérsia foram referidos em três parágrafos: uniões civis, acesso dos divorciados recasados aos sacramentos e homossexualidade. Aprovados apenas por maioria simples, nenhum dos temas reúne ainda consenso. O Papa Paulo VI foi beatificado no passado Domingo no Vaticano, numa cerimónia que serviu também de homenagem ao pontífice que concluiu o Concílio Vaticano II.

ARQUITECTURA: VISITA À IGREJA DE KLIPPAN



PEDRO CASTRO CRUZ

ARQUITECTO

Tendo acompanhado há dias um grupo de 25 arquitectos suecos em visita ao Norte, não poderia deixar de iniciar esta coluna propondo acompanhar-vos, nortenhos, em visita ao sueco Sigurd Lewerentz (1885-1975). Contava-lhes a eles, como a vós agora, que em 2006 quando trabalhava com José Fernando Gonçalves no concurso para a Nova Igreja Paroquial da Ribeirinha (Açores), visitámos a Igreja de Klippan, partilhando o prémio monetário que o 2º lugar mereceu. O destino era incontornável porque durante o processo de projecto sempre estive em cima do estirador, como referência primeira, o intrigante projecto de Lewerentz.

A visita a Klippan foi marcante. Éramos nove; o grupo entrou animado e conversador – mas o silêncio impôs-se e o grupo dispersou. Ao fundo, dois quadrados de luz sobre o negro da parede absolutamente ausente: em escuridão – e por causa desta misteriosa negritude o grupo reagiu.

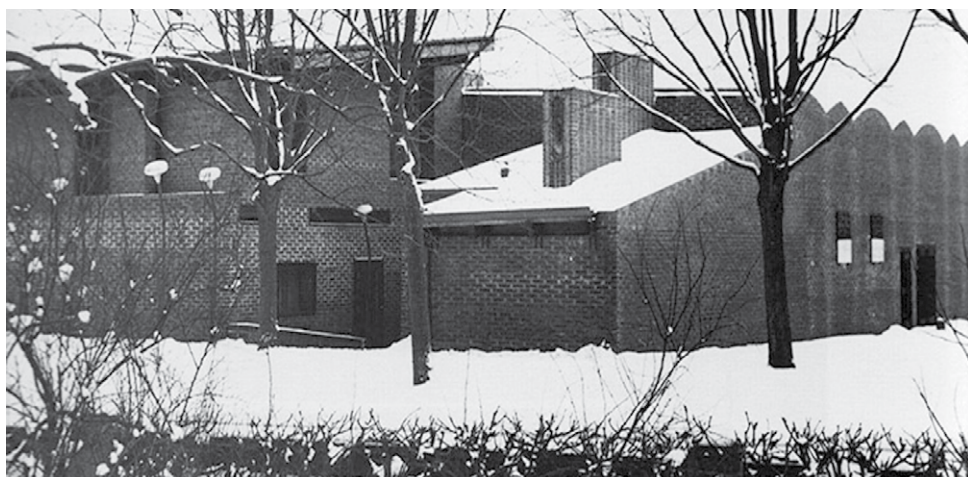
A Igreja Protestante de S. Pedro em Klippan (1962-66) é obra prima do mestre e permite-nos extrair da tectónica e da simbólica inúmeros conteúdos para a meditação. É integralmente construída em tijolo

– pavimento, paredes e tecto – e apresenta um único pilar central, que o não é afinal, senão cruz de Cristo que tudo sustenta. A indissociabilidade entre estrutura, desenho e significado, atribui ao espaço forte densidade. A leitura tripartida pode ser feita, por exemplo, entre Concha-Água-Árvore (da pia d'água benta, da fresta no pavimento por onde a água corre, até ao pilar que também é Árvore da Vida) ou Chão-Altar-Palco (o pavimento com pendentes eleva-se para tornar o altar plataforma litúrgica), apelando, enfim, a que tudo está em constante mudança.

Klippan é expressão máxima da penumbra mística e materialidade elemental. Entrar na escuridão é desejar a luz; pela escuridão física exterior chegar à luz espiritual interior. Tocar os materiais elementares é despojar e reconfortar a condição humana. Duas características que se reportam uma com o divino e outra com o humano: do próximo humano para o além divino, da materialidade sensitiva para a luz etérea – através da escuridão. Nestas características da construção encontro a chave do mistério.

Personagem ele próprio umbroso – Lewerentz – que se apaga perante a notoriedade de Asplund, coautor em 1915 do Cemitério Sul de Estocolmo. E que se afasta da arquitectura trabalhando uma vintena d'anos na indústria de produto, fundando a fábrica Idesta de caixilharia de ferro. Ironia ou não, quando em '56 volta a projectar, encerra os vãos sem caixilharia, aplicando o vidro sem moldura directamente sobre a face exterior da parede. Assim, em S. Pedro a natureza é repelida no confronto com a parede-espelho; a paisagem permanece fora e é admirada na distância.

Fora, o branco invernal marca a paisagem da espiritualidade sueca. Experimentar o sítio sob o manto de neve e temperatura negativa é entrar no silêncio; os bichos hibernaram e os pássaros migraram, o lago gelou – e toda a vida está suspensa para além da camada. Encontro-me só e conduzido pela beleza profunda dos troncos pretos que riscam, unem ou rasuram, um chão e um céu brancos.



PEDRO CASTRO CRUZ

O RESGATE DO NOME

JORGE VILAÇA

PADRE | ASSISTENTE DO DEPARTAMENTO DA PASTORAL DA SAÚDE

*“O nome é ainda
O modo como chamas.
O nome é a arma contra mim.
O maior perigo.
Com os teus lábios podes destruir-me”*

1. África. Um continente que é notícia sobretudo pelo seu lado dramático: guerra, golpes de estado, pobreza, doenças... No entanto, só é notícia de forma contínua quando os interesses norte americanos ou europeus estão em causa. Veja-se, por exemplo, o caso actual do vírus Ébola. Um norte americano (missionário) e um europeu (missionário) foram infectados pelo vírus e logo saltaram para a ribalta os milhares de africanos entretanto infectados e falecidos e as condições sub-humanas dos sobreviventes. Surgiram então os laboratórios farmacêuticos a apresentar novos ensaios clínicos, novas vacinas, alocação de novos fundos das instâncias internacionais para a investigação, envio de recursos materiais e humanos para o local, alertas sobre os aeroportos e fronteiras... Diz bem Albonico: são “fármacos esquecidos para doenças esquecidas de populações esquecidas?”. E, infelizmente, a real notícia não é a doença (antiga, na maior parte dos casos) nem os doentes (baixas “patentes”, na maior parte dos casos) mas o risco de contaminação.

2. A tuberculose ou a malária matam mais pessoas todos os dias que qualquer outra doença; mas são doenças dos pobres. E, em muitos casos, a pobreza dá muito dinheiro a ganhar. Pode concluir-se: “constatar, prever, observar, tolerar, documentar, ano atrás de ano, a morte de minorias e maiorias não é um dado epidemiológico: é um genocídio”. Há uma só palavra para descrever esta amnésia na dita aldeia global: hipocrisia. Nossa. Semelhante ao ocidental descargo de consciência natalício, ainda que revestido de campanhas de solidariedade objectivamente altruístas. No resto do ano... Também neste caso, a real notícia não são os números (antigos, na maior parte dos casos) nem as “baixas” (os do costume) mas o afastamento do risco de contaminação da consciência.

3. Não gostamos de ser números. Não gostamos de ser tratados como tal. Mas, efectivamente, somos cada vez mais reconhecidos por um número de contribuinte, um número de identidade, um número de eleitor, um número de utente de saúde, um número de identificação bancária, um número de telefone, um número de multibanco, um número mecanográfico, um número de desempregado... E os números valem números, numerário. Aparentemente assépticos, os números parecem não



contaminar enquanto permanecerem números. Hipocrisia. Os números escondem nomes, histórias, biografias incompletas, gritos, festas, alegrias e esperanças, tristezas e angústias. Recuperar o nome envolve efectivo risco de contaminação.

4. Para Doris Salcedo, artista colombiana, importa “contar a história do vencido, a história do vencedor já está contada”. Resgatar o nome, a história do sofrido, ao anonimato torna-se por isso dádiva de autoridade ao que sofre e restituição de um lugar no interior da comunidade crente ou civil. Resgatar o nome, salvaguardá-lo, pronunciá-lo, torná-lo meu apelido. A não indiferença do nome e do que ele significa é a diferença. Uma profecia da hospitalidade do nome não por “coitadismo” ou emotividade superficial mas por absoluto resgate do rosto irmão. Theilhard de Chardin dizia que “para aquele que consegue ver, nada é profano”. O nome é o primeiro andamento da espiritualidade. O “hospital de campanha” está aberto.

5. Convém manter e lançar continuamente a pergunta lacerante de E. Wiesel, sobrevivente do holocausto judaico, sobre os acontecimentos que viveu: como foi possível que se queimassem homens e crianças e o mundo permanecesse calado?

“CRER SEM PERTENCER É A ÚLTIMA PERIFERIA CATÓLICA”

ALFREDO TEIXEIRA É DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA POLÍTICA E É PROFESSOR NA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. EM 2012 COORDENOU A SONDAGEM SOBRE AS IDENTIDADES RELIGIOSAS EM PORTUGAL. COM A *IGREJA VIVA* FALOU SOBRE A SOCIEDADE ACTUAL, A RELIGIÃO E OS NOVOS DESAFIOS QUE A IGREJA CATÓLICA ENFRENTA.

TEXTO: DACS FOTOS: DACS



Coordenou, em 2012, a sondagem sobre as Identidades Religiosas em Portugal. Quais os principais traços da geografia crente que emergiu desse estudo?

Esse estudo fez uma ampla caracterização das identidades religiosas em Portugal, das identidades crentes e não crentes, da forma como os portugueses se situam face à religião e suas diversas configurações. Se quisesse destacar alguns traços, gostaria de destacar, antes de mais, o retrato que faz da dinâmica de diversificação religiosa em Portugal. De facto, o catolicismo sofre uma

“Falar de família é falar de uma realidade que não tem muitos interlocutores nas nossas sociedades.”

quebra, baixando para o limiar dos 80%, sendo talvez a primeira sondagem onde a Igreja Católica apresenta esse limiar. É claro que neste contexto todas as minorias religiosas sofrem um incremento, mas esse não é o fenómeno principal. Apesar desse aumento, quando o comparamos com outros países Europeus, não podemos dizer que esse crescimento seja, demograficamente, um fenómeno extraordinário. Eu diria

que encontramos o fenómeno mais importante quando observamos o crescimento dos que não têm religião. O crescimento daqueles que não têm qualquer filiação religiosa é, a meu ver, o fenómeno emergente mais importante na sociedade portuguesa. Esse grupo tem também outra característica: ao contrário dos padrões que anteriormente descobríamos, que se configuravam sobretudo a partir de posições de ateus, agnósticos e indiferentes, neste caso entre aqueles que declaram não ter religião temos um grupo, o que mais cresce, daqueles que se declaram crentes mas não pertencem a qualquer religião. E apesar de ser, evidentemente, uma minoria na sociedade portuguesa, penso que é um grupo que neste tipo de estudos porventura irá apresentar algum reforço nos últimos anos, porque traduz uma certa cultura contemporânea. No fundo, deixamos de ter posições tão estruturadas relativamente à não crença e passamos a ter sobretudo pessoas que mantêm uma disponibilidade subjectiva para essa dimensão da experiência humana, uma dimensão de abertura à transcendência, mas sem que no fundo leiam numa determinada tradição a resposta a essa sua inquietação.

Que razões poderão levar à diminuição de praticantes dominicais a que temos vindo a assistir?

É curioso que quando observamos estes estudos sobre a prática religiosa a partir do método da amostragem, verificamos que, desde os anos 80, o número daqueles que declara nunca ir à missa se mantém percentualmente o mesmo. Portanto, em termos relativos, a percentagem de católicos que diz nunca ir à missa é sensivelmente a mesma na década de 80 e agora. Quando observamos o grupo daqueles que respondem estar presentes regularmente todas as semanas na assembleia dominical, aí vemos de facto uma curva descendente. Mas essa curva não parece transferir-se directamente para o grupo daqueles que nunca vão, essa mantém-se uma linha bastante constante. A curva que sobe é a daqueles que vão em ritmos diversos à missa. Ora, isto quer dizer que, de alguma forma, o espaço católico português, como é muito complexo histórica e culturalmente, está a produzir diversidades dentro de si. Se sob o ponto de vista pastoral, não houver capacidade de reconhecer essa diversidade, o que vai naturalmente suceder é que essa erosão se pode aprofundar. As pessoas estão num círculo mais próximo ou mais afastado mas podem estar em dois movimentos: a afastar-se, ou, eventualmente, numa dinâmica de aproximação.

A relação entre paroquianos e pastor poderá ser determinante para a mudança destes números?

De uma forma geral é sempre determinante. Grande parte dos circuitos que encontramos no espaço católico, responde claramente a formas de aliança que os católicos estabelecem com determinado padre, com determinado contexto. Estudei esse fenómeno de forma muito particular em Lisboa, e de facto, num espaço muito complexo como é a cidade e também o meio periurbano, vemos que algumas assembleias dominicais estão a abarrotar e outras estão vazias. Portanto, facilmente quando se diz “as igrejas estão vazias”... bom, algumas estão vazias! Outras quase não cabe lá mais ninguém.

Então não faz sentido dizer que estamos a ficar com uma sociedade menos religiosa?

Bom, isso nunca faz sentido por esta razão: supõe que já sabemos o que é isso de ser religioso. E, se calhar, não o podemos colocar como pressuposto, podemos dizer, sim, que estamos a ficar com uma sociedade onde a capacidade de regulação institucional do religioso é muito menor. E é muito menor porque evidentemente os indivíduos, não só em relação às instituições religiosas mas em relação a todas as instituições, exibem uma capacidade de emancipação muito grande. Em todo o caso, a mim parece-me sempre muito simplificador falar em termos de “mais” ou “menos” neste



contexto. Temos que pensar que o número absoluto ou relativo de católicos na sociedade portuguesa, naturalmente baixa e provavelmente irá baixar mais. Nenhuma sociedade é hoje compactamente apenas uma coisa. As sociedades são sociedades abertas a fluxos diversos, por isso naturalmente vão diversificar-se. Estamos numa situação de transformação civilizacional onde, evidentemente, um dos impactos recairá numa certa erosão das identidades tradicionais que no fundo se reproduziam. É realista pensar que este número relativo dos católicos na sociedade portuguesa possa ainda baixar. O que é interessante é descobrir como é que esse tecido se está a recompor neste contexto. Ficarmos apenas pela ideia de contar pessoas e saber se estão “mais” ou se estão “menos” dá-nos um retrato ilusório. Em muitos casos, as nossas antigas formas de ler o próprio espaço católico, podem-se revelar ilusórias ou pelo menos insuficientes para retratar a complexidade da realidade actual.

Massimo Introvigne diz que aqueles que “crêem sem pertencer” crêem sobretudo em “coisas novas” ligadas ao esoterismo e “new age”. Concorda com a afirmação?

Na sociedade portuguesa não. Em termos sociográficos, aquilo que se

designa por “new age”, que é uma categoria um bocadinho difusa e imprecisa para designar um conjunto de espiritualidades, produtos literários, enfim, um universo difícil de definir, tem uma actividade escassa na população portuguesa. É muito preponderante numa determinada elite urbana, também num certo extracto suburbano, mas relativamente pequeno. Quando

“É realista pensar que este número relativo dos católicos na sociedade portuguesa possa ainda baixar.”

caracterizamos aqueles que em Portugal se declaram crentes sem religião, talvez a figura mais próxima do crer sem pertencer, diria que são a última periferia católica. Poderíamos chamar-lhes assim, se pensássemos no espaço católico como uma espécie de “eclesioesfera”, com esferas de aproximação sucessivas ou de distanciamento sucessivo, consoante a nossa perspectiva. Encontramos pessoas que se declaram crentes sem religião entre os rurais do Alentejo, como encontramos entre a população urbana de Lisboa e uma parte significativa deles baptizou os filhos,

fez escolhas educativas católicas...

A crise pode levar a uma nova ligação entre as pessoas e a religião?

É preciso perceber que nas situações críticas, nas situações de crise social, as pessoas precisam de mais laços, precisam de mais solidariedade e o próprio espaço religioso pode ser um espaço favorável a isso. Mas essa afirmação pode ser uma aproximação circunstancial, pode ser marcada pela dinâmica de um momento e pode não ancorar-se estruturalmente ao longo do curso de uma vida.

O Papa Francisco veio mudar a Igreja ou até mesmo a dimensão religiosa?

Penso que ele quer mudar, pelo menos parece-me claro que o seu discurso, os seus gestos, implicam um desejo claro de mudança, se calhar até de um desejo reformista. Houve claramente uma mudança de “clima” na relação da Igreja com o meio social envolvente, mas penso que ainda é muito escasso aquilo que podemos dizer sobre os itinerários dessa mudança. Parece-me que, como sempre, a Igreja Católica teve dinâmicas internas dentro de si, que vêm alguns problemas de formas diversas. Isso não é novo na história da Igreja, nas últimas décadas em particular parece que cresceu uma certa clivagem no espaço católico entre aqueles que vêm alguns dos aspectos que, neste momento, são mais fracturantes. Acho que o Papa percebeu essa clivagem e está a procurar encontrar lugares de consenso fundamental, onde hoje se fala de coisas de que não se falava há uns anos atrás. Portanto, o facto desses problemas terem lugares de discernimento pastoral e de discussão, implica necessariamente esse desejo de ultrapassar uma espécie de dissensão silenciosa que se podia encontrar há alguns anos atrás.

Que podem os cristãos esperar deste sínodo da família?

É difícil de dizer porque este sínodo deverá ser o primeiro lugar onde seremos confrontados com algum resultado do que é a possibilidade de ultrapassagem dessas tais clivagens que existem no interior do tecido católico. Eu diria que de forma geral, este sínodo desencadeou algo de diferente, logo na sua preparação. O facto de se ter optado por uma auscultação em termos um pouco diversos daqueles que foram usados antes originou uma coisa muito interessante: muitos católicos tiveram a percepção de que a sua palavra realmente poderia importar, que a sua própria vida, a sua própria experiência poderia importar. Falar da família é falar de uma realidade central na nossa experiência, é falar de uma realidade que não tem muitos interlocutores nas nossas sociedades... Se repararmos, as famílias enquanto tal não são facilmente interlocutores das

instituições nas nossas sociedades. O Estado, por exemplo, trata-nos sempre como se fôssemos simplesmente indivíduos, não dialoga connosco nessa dimensão, como se fôssemos famílias. E mesmo apesar do seu discurso público, que valoriza extraordinariamente o papel das famílias na sociedade, os dinamismos pastorais preponderantes da Igreja Católica nem sempre são facilitadores de um reconhecimento das famílias como tal. As palavras que são dirigidas, as acções que são desencadeadas, em muitos casos não têm como direcção a família como tal, como ela existe... e a que existe não é, muitas vezes, a família ideal. Em muitos casos, a própria linguagem pastoral e os dinamismos pastorais interiorizam esse paradigma moderno da individualização e até retiram alguma importância que a experiência religiosa familiar poderia ter no diálogo pastoral.

Quão importante é a comunicação institucional religiosa?

A comunicação é importante em todas as instituições, nas religiosas também, obviamente. A forma de se estar hoje, de fazer parte das culturas visuais, que nos descrevem, será certamente decisiva. Aqui só coloco um ponto de reflexão: a comunicação não é o mesmo que a transmissão. A comunicação crente não vai disfarçar as dificuldades que teremos no plano da transmissão crente. Mas mesmo com algumas dificuldades, as igrejas de uma forma geral, e em particular a Católica, têm acompanhado as sucessivas “médias esferas” da nossa cultura, têm estado presentes nos diferentes circuitos de comunicação, às vezes até com uma reacção bastante rápida. Só que essa comunicação vence sobretudo o espaço, permite que a mensagem esteja nos mais diversos lugares e contextos. E a principal dificuldade de hoje é vencer o tempo. É encontrar uma lógica de transmissão que ultrapasse esta erosão geracional que desde os anos 60 não encontra nenhuma forma de ser ultrapassada. Mas faço esta observação não diminuindo o papel que, obviamente, o espaço comunicativo terá que ter: a capacidade de estar na cena pública, e participar nela, e portanto, de alguma forma, estar presente também naquilo a que chamamos opinião pública, que não é secular nem religiosa, é aquilo que for consoante os actores e as dinâmicas que nela participarem. Portanto, a dinâmica eclesial, se lá estiver, participará na construção dessa esfera pública.



VEJA OS MELHORES MOMENTOS DA ENTREVISTA EM VÍDEO

www.diocese-braga.pt

www.youtube.com/diocesebraga

50 ANOS

DE "PACIS NUNTIVS"

A 24 DE OUTUBRO DE 1964, PELA CARTA APOSTÓLICA "PACIS NUNTIVS", O PAPA PAULO VI PROCLAMAVA S. BENTO DE NÚRSIA, FUNDADOR DA ORDEM DOS BENEDITINOS, PATRONO DA EUROPA. TODOS OS ANOS, SANTUÁRIOS, MOSTEIROS E IGREJAS BENEDITINOS SÃO ALVO DE CULTO POR MILHARES DE PEREGRINOS. NO NORTE DE PORTUGAL, HÁ PELO MENOS QUATRO QUE NÃO DEVE DEIXAR DE CONHECER.

S. BENTO DAS PÊRAS

MONTE DE S. BENTO DAS PÊRAS

O Monte de S. Bento das Pêras é um lugar de culto onde existem duas capelas. É um local convidativo, ideal para conviver com a natureza ou simplesmente descansar. O Monte de S. Bento oferece um dos mais belos panoramas de todo o país. No cimo, a 410 metro de altitude, os penedos pintados de branco junto aos miradouros, reflectem um costume antigo de agradecimento dos devotos por graças concebidas.

S. BENTO DA PORTA ABERTA

S. BENTO DA PORTA ABERTA

São Bento da Porta Aberta está situado em Terras de Bouro. Com origem em 1640, a sua reconstrução foi concluída 1895. O nome de "São Bento da Porta Aberta" deve-se ao facto de a ermida ter sempre as suas portas abertas, servindo de abrigo aos viajantes que por lá passavam. Entre muitos outros pormenores que chamam a atenção de qualquer visitante, são dignos de observação minuciosa os painéis de azulejos, pintados por Querubim Lapa, que retratam episódios da vida de S. Bento.

MOSTEIRO DE TIBÃES

MOSTEIRO DE TIBÃES

O Mosteiro de S. Martinho de Tibães, antiga Casa-Mãe da Congregação Beneditina Portuguesa a 6 kms de Braga e está classificado como Imóvel de Interesse Público. Fundado em finais do século X, inícios do XI, trata-se de um dos maiores e mais importantes conjuntos monásticos beneditinos portugueses, peça chave na rede monástica da Ordem de S. Bento do Noroeste peninsular. A não perder o "Percurso Museológico", onde se pode apreciar a arquitectura do Mosteiro, as ruínas de edifícios anteriores, a mata, os jardins, e diversos campos agrícolas.

MOSTEIRO DE REFOJOS

MOSTEIRO DE REFOJOS DE BASTO

A igreja e a sacristia do Mosteiro de Refojos de Basto encontram-se classificadas como Imóveis de Interesse Público. A fachada da igreja distingue-se pelas suas grandes dimensões. De lado estão colocadas as estátuas em tamanho natural de São Bento de Núrcia e de Santa Escolástica. A ala exterior é em forma de varandim. Podem ver-se figuras demoníacas e máscaras, também conhecidas por carrancas, colocadas dos dois lados interiores logo a seguir à entrada da Igreja.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ex 22, 20-26

Leitura do Livro do Êxodo

Eis o que diz o Senhor: “Não prejudicarás o estrangeiro, nem o oprimirás, porque vós próprios fostes estrangeiros na terra do Egito. Não maltratarás a viúva nem o órfão. Se lhes fizeres algum mal e eles clamarem por Mim, escutarei o seu clamor; inflamar-se-á a minha indignação e matar-vos-ei ao fio da espada. As vossas mulheres ficarão viúvas, e órfãos os vossos filhos. Se emprestares dinheiro a alguém do meu povo, ao pobre que vive junto de ti, não procederás com ele como um usurário, sobrecarregando-o com juros. Se receberes como penhor a capa do teu próximo, terás de lha devolver até ao pôr do sol, pois é tudo o que ele tem para se cobrir, é o vestuário com que cobre o seu corpo. Com que dormiria

ele? Se ele Me invocar, escutá-lo-ei, porque sou misericordioso”.

SALMO RESPONSORIAL 17 (18)

Eu Vos amo, Senhor, minha força, minha fortaleza, meu refúgio e meu libertador.

Meu Deus, auxílio em que ponho a minha confiança, meu protector, minha defesa e meu salvador.

Na minha aflição invoquei o Senhor e clamei pelo meu Deus.
Do seu templo Ele ouviu a minha voz e o meu clamor chegou aos seus ouvidos.

Viva o Senhor, bendito seja o meu protector; exaltado seja Deus, meu salvador.

O Senhor dá ao Rei grandes vitórias e usa de bondade para com o seu Ungido.

LEITURA II 1 Tes 1, 5c-10

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Irmãos: Vós sabeis como procedemos no meio de vós, para vosso bem. Tornastes-vos imitadores nossos e do Senhor, recebendo a palavra no meio de muitas tribulações, com a alegria do Espírito Santo; e assim vos tornastes exemplo para todos os crentes da Macedónia e da Acaia. Porque, partindo de vós, a palavra de Deus ressoou não só na Macedónia e na Acaia, mas em toda a parte se divulgou a vossa fé em Deus, de modo que não precisamos de falar sobre ela. De facto, são eles próprios que relatam o acolhimento que tivemos junto de vós e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos Céus o seu Filho, a

quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livrará da ira que há-de vir.

EVANGELHO Mt 22, 34-40

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, os fariseus, ouvindo dizer que Jesus tinha feito calar os saduceus, reuniram-se em grupo, e um doutor da Lei perguntou a Jesus, para O experimentar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”. Jesus respondeu: “‘Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito’. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, porém, é semelhante a este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas”.



A IGREJA ALIMENTA-SE DA PALAVRA

A palavra de Deus coloca-nos, no trigésimo domingo (Ano A), diante do essencial: o amor. De novo, os fariseus querem pôr Jesus Cristo à prova (evangelho). Enquanto eles colocam a questão do maior mandamento da Lei, Jesus Cristo prefere, sobretudo, mostrar como a vê, em toda a sua essência: o amor não tem limites. Deus está próximo de todos os pobres e excluídos; e convida-nos a fazer o mesmo, a praticar a misericórdia (primeira leitura). Ser exemplo, anunciar a palavra de Deus (segunda leitura), supõe o amor aos irmãos: a caridade vem de Deus e nunca nos afasta dele. O primeiro e o segundo mandamento são apenas um: amar, simplesmente amar. Então, a nossa oração não se pode esquecer de cantar (salmo) o amor de Deus e o amor a Deus.

“Escutá-lo-ei, porque sou misericordioso”

O fragmento proposto para primeira leitura do trigésimo domingo (Ano A), retirado do livro do Êxodo, pertence à coleção de leis mais antiga do Antigo Testamento. O Êxodo reporta-as ao contexto da aliança, o pacto que Deus ofereceu ao povo de Israel, através de Moisés, no Sinai.

Esta passagem contém duas ordens expressas no negativo — “não prejudicarás... não maltratarás” — seguidas de um comentário. O primeiro mandamento protege os estrangeiros que vivem no meio do povo de Israel. São pessoas muito vulneráveis, sem direito de cidadania. A segunda ordem protege as viúvas e os órfãos: as mulheres e as crianças que perderam o seu protector masculino e se encontram expostas

a todo o tipo de abusos. Os comentários às leis são muito interessantes. O que se refere aos imigrantes remete para a tradição do Êxodo. Da mesma maneira que Israel foi protegido quando era marginalizado, assim também há-de agir com os desfavorecidos. A memória do Êxodo, o acto libertador de Deus por antonomásia, há-de ser sempre um fundamento da ética. A segunda parte do texto refere-se aos pobres e é muito radical: a actividade económica há-de ser regulada pelo princípio da solidariedade comunitária. Os israelitas não podem ser como os outros banqueiros; têm de ser diferentes: não se pode “brincar” com a miséria. A lei não fala directamente de uma economia lucrativa; simplesmente exige que se cuide da vida do pobre. Essa sim, há-de estar acima de todos os interesses. A

garantia é dada pelo próprio Deus, que se mostra disposto a escutar o clamor e a exercer a misericórdia: “Escutá-lo-ei, porque sou misericordioso”. Actua sempre como um Deus de graça. A palavra “eucaristia” significa “dar graças”, dizer obrigado (agradecer). Os mais novos (crianças e adolescentes da catequese, por exemplo) podem fazê-lo, na celebração, com as suas próprias palavras ou gestos, de acordo com a criatividade de cada um (de cada grupo). A “Oração Eucarística para as Missas com crianças II” (“Missal Romano”, página 1331 e seguintes) coloca em evidência o tema do amor e da gratidão pelo amor recebido: “Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais”. E a introdução ao gesto da paz merece ser feita a partir do (duplo) mandamento do amor!



GUIMARÃES A CANTAR



No próximo Sábado, dia 25 de Outubro, decorre o 24º Guimarães a Cantar, festival de música religiosa organizado pela Pastoral de Jovens do Arciprestado de Guimarães e Vizela.

O evento tem lugar no Auditório do Minho, em Guimarães, pelas 21h30.

O festival é de cariz solidário, já que metade dos fundos angariados revertem para a Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães.

Há 480 lugares disponíveis e o festival conta com oito grupos de jovens das comunidades paroquiais inscritos com música e letras originais.

A organização decidiu tornar o festival numa espécie de eco do “Átrio dos Gentios”, promovendo, como refere o Papa Francisco, “uma Igreja em saída”.

Desta forma, também o festival se renova e actualiza, apresentando-se de forma diferente daquela que surgiu há vinte e quatro anos atrás, quando o festival foi avançado pelo Seminário Verbo Divino.

A par dos oito grupos inscritos, mais sete bandas sobem ao palco nesta noite.

A organização promete um ambiente de cor, som e luz, sempre envolto em inspiração e alegria cristãs.

AGENDA

23.10.2014

SESSÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ
21h00 / Santuário da Porta Aberta

24.10.2014

ABERTURA DO ANO ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA
18h00 / Faculdade de Filosofia

26.10.2014

CELEBRAÇÃO DAS BODAS DE OURO DO PADRE ADELINO COSTA
11h00 / Salão Paroquial de Calendário

27.10.2014

RECEPÇÃO AO BISPO DE PEMBA
12h00 / Paço Episcopal

28-29.10.2014

SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO PERMANENTE DO CLERO DE BRAGA
10h00 / Auditório Vita



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Flávia Barbosa, Joana Araújo)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

SEMANA DOS SEMINÁRIOS

A Igreja Católica comemora de 9 a 16 de Novembro a Semana dos Seminários, com o tema “Servidores da Alegria do Evangelho”.

Na mensagem a propósito da semana comemorativa, D. Virgílio do Nascimento Antunes, presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios (CEVM), afirmou que os padres têm como “missão sintonizar com todos os homens e mulheres, assumir as suas dores e acolher as suas alegrias, para as oferecer àquele que renova todas

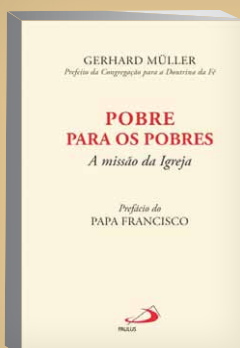
as suas alegrias, para as oferecer àquele que renova todas as coisas”.

O bispo da diocese de Coimbra sublinhou ainda que o seminário é o local onde “os jovens aprendem a viver a alegria do Evangelho”.

A alegria no acompanhamento das comunidades foi ainda apontada por D. Virgílio como uma das especificidades da vocação sacerdotal. Dividida por quatro tópicos, o último da mensagem consiste na oração pela Semana dos Seminários 2014.



LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



GERHARD MÜLLER

POBRE PARA OS POBRES

O livro “Pobre para os pobres, A missão da Igreja”, foi escrito pelo Cardeal Gerhard Ludwig Müller, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. O título da obra partiu de uma frase do Papa Francisco, pronunciada em 2013, no encontro com os jornalistas na Sala Paulo VI, logo após a sua eleição. O prefácio foi escrito pelo Sumo Pontífice, que afirma que os leitores, ao ler o livro, deixar-se-ão “tocar no coração” e sentirão a “exigência de uma renovação de vida”. O livro divide-se em três capítulos distintos, contando o último com duas comunicações de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano e sacerdote dominicano.

PVP
€12,90

15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 16 a 23 de Outubro de 2014.